

CURRÍCULO INTERCULTURAL: PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES

Rose Aparecida Colognese Rech¹

1 Graduada em Pedagogia – UNISC/RS. Especialista em Docência do Ensino Superior – UCB/RJ. Mestre em Educação nas Ciências – UNIJUÍ/RS. Pedagoga na EASA.

RESUMO: O presente trabalho visa trazer aportes teóricos para contribuir no entendimento dos princípios da interculturalidade e da interdisciplinaridade, bem como a aproximação entre os mesmos. Busca uma perspectiva curricular voltada para o reconhecimento das diferenças, e a interação entre elas, como possibilidade de enriquecimento mútuo.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Interculturalidade. Complexidade. Interdisciplinaridade

INTRODUÇÃO

Neste breve texto teceremos algumas considerações sobre a interculturalidade e a interdisciplinaridade, na tentativa de entender seus conceitos e aproximá-los. Desta forma, buscamos alguns caminhos para a construção de um currículo escolar que reconheça nas relações a oportunidade de crescimento do ser humano através do diálogo entre as diferentes formas culturais e, atrelado a esse currículo, prática interdisciplinares que resignifiquem o saber, buscando o seu contexto.

Para início de reflexão, faz-se necessário algumas inferências voltadas especificamente para o termo currículo.

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo

é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA, 2005, p. 150).

Pensar no significado da palavra currículo nos leva a perceber que não existe um conceito padrão, acabado, absoluto para defini-lo. Tentar conceituá-lo por si já é uma tarefa complexa, pois o campo do currículo abrange situações muito diversas, influenciadas diretamente pelas suas teorias que foram se constituindo ao longo do último século.

Tomaz Tadeu da Silva, em “Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo”, faz um histórico das principais perspectivas sobre currículo. O autor divide as teorias em três grandes categorias: tradicionais, críticas e pós-críticas. Nessa trajetória percorrida pelo autor, pode-se observar que uma teoria difere da outra nas questões que elas procuram responder acerca do que se compreende por currículo. E, mesmo apresentadas de uma forma cronológica, não existe um momento estante onde começa uma teoria e inicia outra, o que acontece é a hegemonia de certas representações em determinada época, no entanto, podemos encontrar características das diferentes concepções de currículo que se entrecruzam em certos momentos.

CURRÍCULO INTERCULTURAL E INTERDISCIPLINARIDADE

A promoção de um currículo intercultural atrelado a práticas interdisciplinares é uma questão bastante complexa, pois estamos enraizados em uma educação monocultural e fortemente disciplinar. Para tecer uma interface temática entre interculturalidade e interdisciplinaridade faz-se necessário primeiramente revisitarmos os conceitos envolvidos.

Para Fleuri (2003) a polissemia terminológica relativa às expressões multiculturalismo, interculturalismo, transculturalismo, impede a produção de conceitos simplificados eficazes, no entanto, torna a discussão mais criativa e aberta às contribuições e aprofundamentos. Entre esta multiplicidade de perspectivas o autor apresenta um eixo conceitual que caracteriza as principais reflexões da atualidade neste campo, “é o da possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule (FLEURI, 2003, p 17)”. E, para ele, este respeito e integração abrangem os discursos de diferenças étnicas e culturais, gênero, gerações, distinção entre os povos e são considerados tanto na escola e na sociedade como nos equilíbrios internacionais e planetários.

A educação numa perspectiva intercultural é compreendida como um

[...] processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente formativo, ou seja, estruturante de movimentos de identificação subjetivos e socioculturais. Nesse processo, desenvolve-se a aprendizagem não apenas das informações, dos conceitos, dos valores assumidos pelos sujeitos em relação, mas sobretudo a aprendizagem dos contextos em relação aos quais esses elementos adquirem significados (FLEURI, 2003, p.30).

O autor usa o termo “ecológico” para

definir a função do currículo na perspectiva intercultural, tendo em vista ir além da função “lógica” de repasse de informações previamente determinadas e organizadas, no intuito de passar a disponibilizar recursos que possam propiciar condições para a disseminação de informações entre os sujeitos e que estes possam estabelecer uma relação de troca entre si e com o meio.

Neste sentido Padilha (2004) contribui apresentando o currículo intercultural como possibilidade de criar dinâmicas que promovam situações de aproximações dos sujeitos, reconhecendo as diferenças culturais entre eles e desta forma, construir um espaço de encontro, relações e diálogos capaz de enfrentar os desafios que a realidade assim lhes impõe.

Procuramos trazer subsídios conceituais para elucidar uma perspectiva intercultural de currículo. Entretanto, nosso objetivo neste texto é pensar uma abordagem voltada para o sujeito e suas diversidades culturais, mas com um olhar voltado também para as formas como estes sujeitos se relacionam com os conhecimentos, ou seja, como os conteúdos lhes são apresentados.

Por isso, agregadas a discussão cultural, passamos a apresentar algumas implicações epistemológicas. Com o auxílio das contribuições de Morin e o pensamento complexo, revisitaremos alguns princípios acerca da interdisciplinaridade, pois assim como ele, acreditamos que não é possível buscar uma explicação para os fenômenos complexos reduzindo-os e simplificando-os. Nesse sentido de pensar o currículo a partir da complexidade, Padilha complementa:

Na verdade, é importante observar que, quando passamos a pensar na perspectiva da “complexidade” relacionada ao currículo, essa combinação nos sugere refletir e problematizar a prática educacional com base nas relações estabelecidas a partir das diferenças que coexistem na escola, sobretudo as relacionadas à multiplicidade de culturas nela presente (Padilha, 2004, p. 150).

O modelo de organização curricular que

predomina em nossas escolas na atualidade ainda é o disciplinar, estruturado e compartimentado em espaços e tempos. Apresentado como um modelo fechado nos conteúdos individuais de cada disciplina, que não leva em conta as exigências do mundo contemporâneo e nem a ligação com a diversidade cultural dos alunos. Nele o próprio currículo se confunde com o conjunto de disciplinas que o compõem.

O saber fragmentado, reducionista, limita a nossa compreensão e a reflexão acerca dos fenômenos na sua totalidade.

A especialização “abs-trai”, em outras palavras, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e as intercomunicações com seu meio, introduz o objeto no setor conceptual abstrato que é o da disciplina compartimentada, cujas fronteiras fragmentam arbitrariamente a sistemicidade (relação da parte com o todo) e a multidimensionalidade dos fenômenos; conduz à abstração matemática que opera de si própria uma cisão com o concreto, privilegiando tudo o que é calculável e passível de formalizado (MORIN, 2005, p.41).

Não se trata aqui, de desvalorizar o conhecimento sistematizado através das disciplinas, mas admitir que é possível uma contextualização destes saberes fragmentados destituídos de significados na busca de estabelecer um sentido para o conhecimento, considerando o educando como um sujeito implicado neste processo, que produz cultura ao passo que é produzido por ela.

Morin (2004) propõe ir “além das disciplinas”, porém, sem perder de vista seu contexto histórico, a sua essência. “Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida: é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada (Morin, 2004, p. 115). Ou seja, segundo pensamento complexo, “não se trata de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese: é preciso conjugá-las.”(MORIN, 2005, p. 46).

Além da interdisciplinaridade, Morin su-

gere um olhar transdisciplinar como forma epistemológica e refere-se a transdisciplinaridade como “esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe” (MORIN, 2004, p. 115). Entretanto, nos deteremos aqui numa abordagem interdisciplinar, por considerarmos que o processo de mudança é gradativo e a organização curricular na forma disciplinar ainda impera nas nossas práticas escolares.

Termos polissêmicos e imprecisos, de difícil definição, é assim que Morin descreve as idéias de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade. Trataremos neste contexto, a interdisciplinaridade, que o autor direciona no sentido de troca e cooperação entre as disciplinas. Ela pode se apresentar em vários níveis de cooperação, mas o que almejamos aqui é ultrapassar o nível simplista de tratar o mesmo tema em várias disciplinas sem que as mesmas estabeleçam uma conversa entre si. Esta forma de perceber a interdisciplinaridade deixa a conexão entre os saberes sob responsabilidade do aluno, o que dificilmente acontecerá com sucesso. É preciso reintegrar os conhecimentos de forma que o aluno consiga percebê-los como parte de uma totalidade, pois o mundo não é disciplinar. Por isso, é necessário reconstruir os fenômenos a partir da contribuição de cada disciplina, resultando num conhecimento diferente, complexo e significativo.

A interdisciplinaridade está diretamente ligada à contextualização. Contextualizar, no seu sentido etimológico significa enraizar uma referência em um texto, ou seja, dar significado ao objeto de estudo. Esta contextualização é a costura que a interdisciplinaridade pode fazer com as questões presentes na vida pessoal do aluno e o mundo em que ele vive.

A PERSPECTIVA “INTER” NO CURRÍCULO

Ao nos referirmos aos termos interculturalismo e interdisciplinaridade, torna-se

necessário discutirmos o prefixo “inter” que dá um sentido mais específico a estas palavras. De acordo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, “inter-” é um prefixo derivado do Latim que significa entre; no meio de. Esta definição nos remete a pensar em relações. Vejamos:

“O prefixo inter indica uma relação entre vários elementos diferentes: marca uma reciprocidade (interação, intercâmbio, ruptura do isolamento) e, ao mesmo tempo uma separação ou disjuntiva (interdição, interposição, diferença). Este prefixo não corresponde a um ‘mero indicador retórico, mas se refere a um processo dinâmico marcado pela reciprocidade de perspectivas’. Estas perspectivas são representações sociais construídas em interação (Ibidem). Para Micheline Rey (1986) o prefixo se refere à interação, mudança e solidariedade objetiva. Caracteriza uma vontade de mudança, de ação no contexto de uma sociedade multicultural.”(MUNÓZ e SEDANO, 97, p.119 apud CANDAU, 2003)

A perspectiva “inter” de currículo, tanto pelo viés cultural como disciplinar, requer uma pedagogia voltada para as relações e preocupada, principalmente, com o que acontece no interior destas relações. Aproximar o diferente e estabelecer um diálogo em busca de um saber mais significativo, trata-se de um processo preocupado não somente com a convivência pacífica num determinado tempo e espaço, mas que visa a construção democrática e a constituição de identidades abertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sentido de entender os conceitos de interculturalidade e interdisciplinaridade, trouxemos neste pequeno texto, considerações para pensar em um currículo que favoreça a construção do conhecimento dialógico, sem barreiras culturais e favoreça práticas interdisciplinares que valorizem o saber no seu contexto e na sua essência.

“O cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural (SILVA 2005, p. 139)”. Nesta perspectiva, os conceitos de

currículo intercultural e interdisciplinaridade se interligam, pois acreditamos que não é possível trabalhar no contexto das relações culturais, suas implicações e especificidades de uma maneira isolada e fragmentada. Torna-se necessário incorporar vivências diversificadas, para que as nossas práticas caminhem em direção a uma educação inclusiva que favoreça a construção de um conhecimento mais elaborado, rico e significativo.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Educação Intercultural no contexto brasileiro: questões e desafios. Revista Novamerica, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/html/vera.htm> Acesso em: 15 abr. 2008.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 23, 2003 .

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2005.

PADILHA, Paulo Roberto. Currículo Intertranscultural: novos itinerários para a educação. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. Belo horizonte: Autêntica, 2005.